

Mágna Tânia Secchi Pierini

Aspectos da viagem pelas
***Ilhas Desconhecidas*, de Raul**
Brandão

Resumo

Em 1924, Raul Brandão esteve no arquipélago dos Açores e da Madeira em busca de conhecer as ilhas portuguesas. Tais itinerários, contemplações e paradas resultaram na publicação, em 1926, de *As Ilhas Desconhecidas*, título que foi denominado como um dos mais belos livros da literatura de viagens de Portugal. Ao longo da construção ficcional, há o encontro de narradores, um que registra pictoricamente as impressões de cada ilha e outro que apresenta traços do difícil cotidiano do habitante insular. Nesse artigo, será possível observar como acontece a apreensão do ambiente ilhéu em espaço ficcionalizado, por meio de aspectos da viagem brandoniana e como tal obra contribui para uma releitura da literatura de viagens na literatura portuguesa.

Palavras-chave: *As Ilhas Desconhecidas*; Raul Brandão; viagem; impressões

Abstract

In 1924, Raul Brandão has been to the Azores and Madeira in search of knowing the Portuguese islands. Such itineraries, contemplations and stops resulted in the publication in 1926 of *As Ilhas Desconhecidas* (The Unknown Islands), a title that was considered as one of the most beautiful books of travel literature of Portugal. Along the fictional construction, there is a meeting of narrators, who pictorially records the impressions of each island and another that shows traces of difficult everyday Islander inhabitant. In this article, it will be possible to notice how happens the seizure of the islet environment fictionalized space through brandonian aspects of travel and how this work contributes to a re-reading of travel literature in Portuguese literature.

KEYWORDS: *The Unknown Islands*; Raul Brandão; travel; impressions

No início do século XX, quando da viagem ao arquipélago realizada por Raul Brandão, obviamente, todas as ilhas portuguesas já haviam sido descobertas pelos navegadores lusitanos. Segundo Vitorino Nemésio, “O descobrimento português dos Açores em 1432 vale como prefácio das grandes devassas marítimas que culminaram no fim do século com a rota da Índia e o achado do Brasil [...] As ilhas fizeram-se viveiro de experiências políticas exteriores” (NEMÉSIO *apud* GOUVEIA, 2008, p. 153).

Os arquipélagos portugueses exerceram importante função de território estratégico, principalmente durante os períodos das grandes navegações e das guerras liberais. António Ventura destaca que “As 18 de dezembro de 1830 chegavam a Angra dois barcos idos de Ostende, a bordo dos quais seguiam numerosos emigrados liberais entre os quais D. Pedro de Sousa Coutinho, filho do Conde de Alva” (VENTURA, 2000, p. 32). Dessa forma, “os liberais iam alargando o seu domínio às restantes ilhas do arquipélago açoriano” (*ibidem*, p. 33). Como articular, então, os pares dicotômicos “descoberta” e “desconhecida” no cerne do texto brandoniano de *As Ilhas Desconhecidas*¹? Apesar de mostrar-se como evidente a posição do escritor quanto ao fato histórico de pertença do território insular português e de assumir, ficcionalmente, a perspectiva de apresentação das ilhas dos Açores e da Madeira, há a associação entre o descaso, muitas vezes demonstrado pela imprensa acerca das ilhas com a adjetivação “desconhecidas”. Isso ocorre na busca de uma combinação de uma proposta estética que, ao mesmo tempo abarcara o conhecimento da paisagem, do homem ilhéu e da própria escritura permeada entre tintas e palavras, conforme confirma Maria Gouveia: “*As Ilhas Desconhecidas* são a paisagem dos Açores, mas são também a condição humana nela moldada pelo tempo e pelo isolamento” (GOUVEIA, 2008, p. 158).

Raul Brandão e Maria Angelina, sua esposa, seguiram de Lisboa, em 1924, a bordo do *São Miguel*, com destino aos arquipélagos dos Açores e da Madeira. Também esteve presente nessa embarcação o escritor terceirense Vitorino

* *Mágna Tânia Secchi Pierini* – Professora da Universidade Estadual de Maringá (UEM)

¹ Realizamos uma primeira leitura acerca da obra *As Ilhas Desconhecidas* e do tema da viagem em tese de doutorado “*Os Pescadores e As Ilhas Desconhecidas*, de Raul Brandão: entre itinerários e paisagens, a miséria” (2013). Disponível [aqui](#). Acesso 27 fev. 2014

Nemésio. Na época, era um jovem estudante que morava em Lisboa e seguia em viagem marítima para passar as férias em sua ilha natal. A experiência dessa viagem foi registrada no ensaio *Raul Brandão, íntimo*, em que demonstra grande admiração pelo escritor português. Em *O Açoriano e os Açores*, ensaio publicado juntamente com o anterior em *Sob os signos de agora* (1995), Nemésio faz frequentemente menções à obra brandoniana sobre o arquipélago em suas exemplificações. Machado Pires (1987) pontuou a importância desse contato:

Raul Brandão, o viajante das *Ilhas Desconhecidas*, também está como sombra tutelar do escritor do *Corsário das Ilhas*, não só quando evoca as suas tiradas impressionistas perante a ilha de Santa Maria, a “ilha torresmo”, mas também quando sente um eixo cósmico que passa pelas ilhas e na alma de cada açoriano... Brandão captou esse eixo, à volta do qual gira a obra nemesiana. Um, visitante da *insularidade*, outra expressão da sua peculiaridade (MACHADO PIRES, 1987, p. 09, 10, *grifos do autor*).

Com seus caderninhos de capa preta, Brandão anotou suas impressões da viagem desde o princípio até o fim do itinerário marítimo. Ao contrário de *Os Pescadores* (1923), por exemplo, que contém vários excertos publicados anteriormente nos jornais e revistas da época, de *As Ilhas Desconhecidas* houve somente uma publicação precedente. Trata-se de *O Caldeirão do Corvo*, uma reportagem publicada no *Diário da Tarde* de Lisboa (31.dez.1925). No entanto, a publicação da obra ocorreu em 1926, vislumbrando menos reedições posteriores que *Os Pescadores*. No mesmo ano, também foi publicada a edição refundida de *História dum palhaço* (1896) em *A morte do Palhaço* e *O Mistério da árvore*, a segunda edição de *A Farsa* e a segunda refundição de *Húmus*, do mesmo autor.

A obra obteve grande aceitação pelo público da época, já referenciado pelo texto da viagem pela costa portuguesa havia três anos. Machado Pires afirmou, acerca de *As Ilhas Desconhecidas*: “O livro, autêntica obra-prima, surgido em 1926, esteve longo tempo esgotado e só agora reaparece (ed. Perspectivas e Realidades, Lisboa, [19--])” (MACHADO PIRES, 1987, p. 57). Essa produção brandoniana foi considerada um dos mais poéticos livros de viagens da literatura portuguesa e, talvez, o mais completo panorama literário e etnográfico sobre os Açores e a Madeira. Paradoxalmente, e também seguindo na mesma linha das

demais obras brandonianas, obteve poucas recepções críticas após o falecimento do autor.

Vários outros títulos já haviam exaltado as belezas e peculiaridades etnográficas dos arquipélagos portugueses em publicações anteriores. Entre os portugueses, algumas obras também já teriam feito esse registro em diversas áreas do conhecimento. Contudo, Raul Brandão percorreu as nove ilhas dos Açores e a Madeira, transformando suas notas de viagem em um documentário artístico-literário em que conseguiu mesclar díspares tonalidades e movimentos da pintura, o sentimento de humanidade entre os habitantes insulares e a realidade geográfica, social e ontológica peculiar, formando, assim, um mosaico humano que se mistura com o mosaico da arte literária e revela, pouco a pouco, o que há por traz do véu diáfano da paisagem e da vida nas ilhas portuguesas.

No arquipélago, a publicação brandoniana que, de certa forma, o homenageava, foi recebida com ressalvas conforme salienta Pedro da Silveira:

Raul Brandão foi atacado por certa imprensa das Ilhas quando apareceu o seu livro. Acusaram-no de escrever falsidades, de haver deturpado isto e aquilo, de ir às vezes 'além do conveniente'. E é certo que *n'As Ilhas Desconhecidas* há aqui e acolá deslizos; mas tudo derivado, é evidente, aos informantes mal percebidos ou pouco explícitos, acaso deturpadores por pirraça tola [...] Mas, bem se calcula, as criaturas que o atacaram eram, ao cabo, dessas que em matéria de livros sobre os Açores sempre preferiram e irão preferindo a borundanga turisticóide (Oldemiro César, Maria Lamas) satisfazendo tolos deleites de que a nossa terra é um paraíso terreal (SILVEIRA, [19--], p. 09, *grifos do autor*).

115

Observa-se, nessa citação, algo recorrente na opinião crítica acerca de obras que se utilizam de um itinerário de viagem, a tendência de buscar em sua composição textual somente ou exclusivamente informações que possam ser comprovadas histórica ou cientificamente. Porém, não se pode desconsiderar que uma produção que se pretendeu ser literária desde seu princípio precisa ser lida e entendida prioritariamente a partir de seus elementos literários e, dentre eles, de ficcionalidade dos fatos diante das paisagens insulares, assim como em:

As manhãs são extraordinárias. Tons neutros – quase o mesmo tom apagado – névoas esbranquiçadas e moles... Neste ar parado

o próprio som amortece: envolve o mundo numa pasta de algodão em rama, um vapor incorpóreo que apaga as cores, imobiliza a paisagem e faz do mar atmosfera. É um eterno dia de finados, recolhido e atento, em que o vento pára e não sopra. Branco e quieto, branco e mole, branco magoado, claridade tão íntima que eu próprio desfaleço (BRANDÃO, 2011, p. 19).

Gustavo Rubim (2008; 2010), diante de uma aproximação do texto literário brandoniano com textos da antropologia compôs uma crítica que salienta a visão do narrador visitante, de um “estrangeiro e amigo” (RUBIM, 2008, p. 107), visto que é dedicado “aos amigos dos Açores”. O crítico discorre sobre a pertinência e o jogo entre um narrador que se posiciona inicialmente como estrangeiro, mas também faz as vezes do amigo. Dessa forma, pauta-se, entre outros, nos aspectos etnográficos peculiares do arquipélago, na presença de vários gêneros literários e em reflexões acerca da locução “estrangeiro e amigo” acentuadas na epígrafe inicial e no término da obra. O crítico ressaltou que “tal como *Os Pescadores* (de 1923), *As Ilhas Desconhecidas* não são mero álbum de curiosidades etnográficas esparsas, mas um projeto ambicioso, uma asserção do poder gnosiológico da escrita literária, uma afirmação da literatura como experiência de saber” (RUBIM, 2008, p. 110). Já no ensaio mais recente, Gustavo Rubim concentrou suas reflexões em torno das significações do vocábulo “notas”, abordando significativamente todas as relações que se estabelecem entre conceitos denotativos e conotativos no âmbito da literatura de viagens e das anotações registradas por Raul Brandão ao longo da viagem aos arquipélagos. Após refletir sobre a possível inserção (e, nesse momento, reafirmação por parte de Rubim) de *As Ilhas Desconhecidas* sob o viés antropológico, o crítico concentra-se no primeiro capítulo, “De Lisboa ao Corvo”, e realiza uma leitura essencialmente voltada para os aspectos econômicos e antropológicos que se propõe salientar inicialmente. Nesse caminhar paradoxalmente dicotômico e próximo, o narrador “marinheiro visitante” referendou a insularidade² do arquipélago por meio dessa obra, dotada de humanidade.

² Insularidade refere-se a tudo o que concerne e que define uma ilha, às suas peculiaridades geográficas e dificuldades concernentes dessa situação. Também abrange fortemente o sentido denotativo de isolamento. Tal sentimento foi muito explorado pelos literatos da região dos Açores ao longo dos tempos.

Uma das peculiaridades concernentes à escritura de *As Ilhas Desconhecidas* refere-se ao fato de ser uma obra literária e conter informações etnográficas bem completas sobre os arquipélagos portugueses, além de ser escrita por um “forasteiro”, conforme afirma Pedro da Silveira [19--]. Em *As Ilhas Desconhecidas*, as perspectivas narrativas iniciam-se pelo ponto de vista do narrador que relata a viagem pelo arquipélago dos Açores e da Madeira. Trata-se de um viajante pelas ilhas e, portanto, daquele que desconhece as peculiaridades e hábitos de tal região, de um narrador “marinheiro visitante”, na acepção de Walter Benjamin (2011). Consequentemente, a apresentação da paisagem varia conforme a posição ocupada pelo sujeito acerca do objeto perceptivado, conforme afirma Michel Collot (2011). Assim, esse posicionamento se dinamiza na mesma proporção que a paisagem se movimenta e é apresentada a partir de impressões poéticas e pictóricas. Importa ressaltar ainda a respeito desse posicionamento que,

[...] uma das modificações principais na apreensão do espaço, e em particular do espaço natural, tem a ver com uma indagação sobre os critérios e princípios que governam a própria noção de perspectiva ou ponto de vista. [...] seja quem for (narrador; personagem; narrador/personagem) que, no universo textual, assumira essa perspectiva se encontra a braços com uma determinada formulação do espaço. Essa formulação passará primordialmente por interrogações que têm a ver com o modo como esse sujeito se posiciona face ao objeto, de que maneira faz jogar a distância em relação a ele, e ainda como este pode pouco a pouco aparecer como transportando características que tornam difícil, se não mesmo impossível, essa mesma apreensão. É este conjunto de factores que vai conduzir a uma cada vez maior importância do trabalho sensorial como condição do modo de apreender e constituir o objecto (BUESCU, 1990, p. 73-74).

117

É nesse sentido que ocorre a abordagem de uma paisagem desconhecida nessa obra de 1926, visto que não se deve considerar somente a perspectiva narrativa porque a “apreensão simbólica do espaço” (Ibidem) se estende por toda a obra. Resulta, então, no foco a partir de um horizonte em constante mutação e um ponto de vista “nômade” que considera a obra a partir de sua globalidade, não se restringindo ao âmbito narrativo, conforme pode ser observado em:

Este oceano tem uma fisionomia concentrada e séria. Sai-se de manhã com o mar chão, regressa-se à tarde com o mar revolto e escuro. Quando menos se espera, levanta-se ventania, e de quinze de Agosto em diante pode aparecer o ciclone. O canal do Faial para o Corvo é perigoso e o do Corvo para as Flores está quase sempre de má catadura. [...] Há por aqui crateras escondidas sob as águas, e a lava vem de quando em quando à superfície, se não é uma ilha inteira que aparece e desaparece logo. Ao carácter destas águas, sujeitas a cóleras súbitas, junta-se o da terra, que treme quase todos os dias (Faial) pondo os corações em sobressalto, o da fantasmagoria, produzida pelas costas vulcânicas, pela luz que hesita, para, transforma-se, desvendando um píncaro, rochas dramáticas e terras que não existem e são o efeito mágico da própria claridade em neblina. (BRANDÃO, 2011, p. 163).

O oceano torna-se, então, ícone de totalidade e metáfora do desconhecido, do medo, da solidão existencial, principalmente porque os deslocamentos e o itinerário que será percorrido por canais e travessias em águas oceânicas apresentam alto grau de perigo aos tripulantes. Se o Atlântico se torna a figurativização da incerteza e do risco, o homem sente que vale muito pouco diante de tal perigo iminente. Todos os canais açorianos contêm riscos, mas o canal que separa o Corvo das Flores é o mais recoberto de histórias fantasmagóricas e trágicas em que se somam também os abalos sísmicos e vulcânicos da terra.

Atento aos anseios e angústias desse povo, Brandão soube retratar como poucos, as aspirações entre a peculiar condição de ilhéu e o universal estado ontológico, como se pode verificar em:

Vale a pena ouvir a voz do pastor, a queixa baixinha do homem mais desgraçado dos Açores. Nesta terra de grandes proprietários, que alugam as pastagens por certo número de canadas de leite, há sítios que pagam por ano quinhentas canadas de leite por vaca e outros menos. Os pastores levam o leite à fábrica de manteiga, e no fim do ano pagam em dinheiro ao senhorio. Quanto mais caro for o leite, pior para o pastor que tem fixo no arrendamento o número de canadas. Vivem em povoados e de manhã e de tarde vão aos baldios ordenhar as vacas (BRANDÃO, 2011, p. 134).

Assim, o escritor do Douro corroborou, já em 1926, a reflexão sobre a açorianidade³, sendo, por vezes, mencionado por Vitorino Nemésio (1995) e por Machado Pires (1987). Se observada no âmbito de uma açorianidade possivelmente relacionada a uma identidade com o povo açoriano, a obra de Brandão sobre as ilhas encontra-se inserida em uma controvérsia, visto que a produção de *As Ilhas Desconhecidas* foi realizada por um escritor da Foz do Douro. Apesar de ter amigos açorianos, Raul Brandão não tinha filiação hereditária com os arquipélagos. Porém, a capacidade efabulativa do escritor fê-lo compor essa obra-prima sobre os Açores e a Madeira, tornando-se, segundo Pedro da Silveira, “um dos melhores livros de viagens de todos os tempos na literatura portuguesa – e talvez não só nela. [...] Ao pé disso, o que outros forasteiros escreveram sobre os Açores, mesmo o melhor, empalidece” (SILVEIRA, [19--], p. 09). O narrador, tanto no momento em que se apresenta com tonalidades benjaminianas de “marinheiro visitante”, como quando esboça sentimentos e “impressões” diante do arquipélago, consegue transpor em sua escrita o sentimento do “ser-ilhéu”, conduz à identificação desse público leitor por meio da verossimilhança ficcional. Assim, “Vários o sobrelevarão enquanto documentos digamos sociológicos (é o caso de Bullar), mas na interpretação da paisagem, na comovida identificação com o humano assumido como parte dela (ou nela integrado), nisto, ninguém lhe põe a par, muito menos diante” (ibidem).

Urbano Bettercourt (1978) ressalta que, independentemente da existência ou não de uma literatura estritamente açoriana, escrita ou não por nativos, devemos ler as produções relacionadas aos Açores sob a ótica estritamente literária e de seu valor estético. Nesse âmbito se enquadraria a escrita de *As Ilhas Desconhecidas*. Dessa forma, a

[...] fome de regresso à luz brilhante continental não impede que o consideremos um contribuinte importante para a literatura identitária insular, pois que a surpresa e deslumbramento do visitante garantem uma visão nova que, sendo uma visão *de fora*, não contradiz e só completa a visão dos *de dentro* (GOUVEIA, 2008, p. 162, *grifos do autor*).

³ O termo “açorianidade” surgiu com Vitorino Nemésio ao referir-se “a sua açorianidade, isto é, à sua condição de açoriano, mais sentida por estar ausente de sua ilha” (GOUVEIA, 2008, p. 152) e adquiriu grande importância a partir da segunda metade do século XX. Para maiores informações, conferir a plataforma: http://lusofonia.com.sapo.pt/acoresh/literatura_acoriana.htm.

Que o tema do mar é recorrente em toda a história literária lusitana e também em toda a construção de um imaginário das viagens, de registro documental e ficcional do período áureo das grandes navegações é de conhecimento geral. Tratou-se de uma hegemonia marítima bem pontuada ao longo de toda a história da literatura portuguesa, cujo registro principal centrou-se na perpetuação de um imaginário glorioso e heroico em torno daqueles que descobriram novas terras em suas viagens além-mar. Em contrapartida, muitas vezes a literatura portuguesa não mencionou o aquém-mar e os homens que, no cotidiano rude de seus trabalhos, cultivaram as águas da nação e mantiveram equilibradas as economias de seu país com a pesca na costa litorânea. Em *As Ilhas Desconhecidas*, em vez de se afastar de temáticas predominantes retratadas pelo escritor, aproxima-se e encontra-se no elemento fulcral de toda preocupação ficcional brandoniana, o homem e todo o seu contexto de dor, sofrimento e angústias cotidianas das mais variadas naturezas. Dessa forma, a abordagem do tema da viagem adquiriu significação peculiar ao longo da literatura portuguesa posterior, com essa publicação de 1926 porque, por meio de uma leitura inovadora da paisagem, do homem, da terra e do mar, o escritor portuense proporcionou, simultaneamente, uma homenagem e uma reflexão acerca do homem português, seja continental ou ilhéu, em seu contexto cotidiano marítimo e telúrico. Consequentemente, Brandão conduz seu leitor a uma interpretação da verticalidade dos itinerários de viagem por meio de um mergulho na história dos humildes, daqueles que constroem a história com as lágrimas e as agruras da desgraça, daqueles que sustentam a nação dia após dia com sua luta. Isso aponta outra questão decorrente dessa reflexão aquém-mar, a própria releitura do cronotopo da literatura de viagem na literatura portuguesa, visto que, segundo Mikhail Bakhtin, esse termo refere-se às relações que se estabelecem entre tempo e espaço no âmbito literário e assim,

120

No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto. [...] Os índices de tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico (BAKHTIN, 2002, p. 211).

Pouco mais de meio século após a publicação de *Viagens na minha terra* (1846), de Almeida Garrett, e duas décadas após o poema homônimo de Antonio Nobre, Raul Brandão retoma o tema da viagem em sua terra através da escrita “de seu próprio mar” em *Os Pescadores*. Apesar de desprovido dos provincianismos da estética romântica que perfazem a obra de Garrett, Álvaro Manuel Machado (1984) ressaltara que é identificável a herança romântica brandoniana na influência de escritores como Camilo Castelo Branco, Alexandre Herculano e o próprio escritor de *Frei Luís de Souza*. Segundo o crítico,

[...] a atracção pela alma da paisagem e pelo imaginário popular, implicando este um certo romantismo nacionalista *naif* à Garrett, patente em tantos textos de Raul Brandão, desde *Impressões e Paisagens* (1890) a *Portugal Pequeno* (1930), passando por *Os Pescadores* (1923) ou *As Ilhas Desconhecidas* (1926) (MACHADO, 1984, p. 23, *grifos do autor*).

Concordamos com Machado no que diz respeito à presença de uma “herança romântica” garrettiana e camiliana, identificável por meio de traços resvalares em obras de Raul Brandão. Acreditamos, também, que em *Os Pescadores* e *As Ilhas Desconhecidas*, ambos os narradores tomam como ponto de partida uma “atracção pela alma da paisagem” (ibidem) de decorrência romântica, acrescentada de teor crítico de questionamento sobre as significações dessa paisagem. Todavia, ao contrário de Garrett, esses estados de alma da paisagem, por vezes estáticos, adquirem mobilidade e dinamicidade no interior de uma escrita renovadora que aproxima a paisagem natural do humano, tornando-a humana numa relação de total equanimidade. Desse modo, a paisagem lusitana é abordada por Brandão a partir de um novo prisma no seio da literatura portuguesa. Encontra-se latente no ser humano e no ser ficcional em suas peculiaridades culturais, sociais e existenciais. Isso resulta em uma reformulação do conceito de paisagem e de viagem porque torna possível uma aproximação de outras de suas obras por meio de uma verticalidade e circularidade, visto que “o cronotopo determina a unidade artística de uma obra literária no que ela diz respeito à realidade efetiva” (BAKHTIN, 2002, p. 349).

Em *As Ilhas Desconhecidas*, a aproximação com o tema da viagem identifica-se também em uma citação que referencia Garrett em comentários sobre a ilha Graciosa: “É uma ilha ilustre e literária. Dela fala Chateaubriand nas *Memórias* e nas *Revoluções Antigas*, e Garrett habitou uma destas casinhas, no tempo da expedição de D. Pedro”⁴ (BRANDÃO, 2011, p. 133, *grifos do autor*). Contudo, a menção ao escritor é aproximada de outro romântico de grande influência na literatura portuguesa de viagens, Chateaubriand. Essa menção aos escritores românticos ou a obras de composição, semelhante à dos textos em análise, ocorre, justamente, para sublinhar uma aproximação do relato de viagens e da descrição da paisagem, respectivamente um dos gêneros e estilos predominantes no Romantismo, a fim de mostrar onde seu processo de escrita se afasta dessa abordagem do início do século XIX e se coloca em berços da modernidade por abordar as viagens e a paisagem da perspectiva do horizonte.

Para Márcia Vieira Maia (2010), *As Ilhas Desconhecidas* exerce a função de resgate da tradição e apresenta-se como a visão do inferno a partir da percepção do sofrimento dos humildes, já que salienta uma diferença gritante entre natureza exultante e a luta pela sobrevivência nos Açores. No entanto, além de um resgate da tradição, ocorre também a inovação estilística na abordagem do tema da paisagem já mencionada anteriormente.

Uma hipótese seria a de que *As Ilhas Desconhecidas* aproxime-se de uma “antiepopéia”, visto que é a história dos humildes. São os habitantes insulares que, em alguns momentos, contam a história de suas realidades cotidianas corroborando a releitura do cronotopo literário tradicional da literatura de viagens. Dessa forma, pode-se falar em ecos dessa escrita brandoniana na abordagem da literatura de viagens no que concerne ao arquipélago, como no caso de Vitorino Nemésio. No decorrer de *Corsário das Ilhas* (1956), há a menção a Raul Brandão e *As Ilhas Desconhecidas* por inúmeras vezes, destacando a sensibilidade do escritor de *Os Pescadores* diante da paisagem e o seu registro

⁴ Garrett era filho de um faialense. Apesar de ter nascido no Porto, desde menino relacionou-se com o arquipélago dos Açores. Segundo António Ventura (2000), por volta de 1809, sua família refugiou-se na ilha Terceira para escapar da 2ª invasão francesa em Portugal. Esteve presente também na ilha Graciosa, onde alguns afirmam ter sido o local em que compôs seus primeiros versos. Em 1832 o escritor retornou à Terceira, uniu-se ao exército liberal de D. Pedro IV e participou do Cerco do Porto.

pictórico (NEMÉSIO, 1956, p. 61); ou ao vinho levado dos Açores e tomado na casa e na companhia de Raul Brandão (ibidem, p. 106), entre outros momentos. Trata-se da presentificação da figura do escritor das Ilhas nessa obra de Nemésio. Porém, é salutar que o escritor terceirense tenha se tornado um dos grandes escritores portugueses do século XX e o maior representante de uma “literatura açoriana” com seu próprio talento.

Machado Pires (1987) e Maria João Reynaud (2001) apontam aproximações entre Brandão e Nemésio em vários aspectos como, por exemplo, nas semelhanças em relação à presença da natureza, do mar, da luz e da cor encontradas tanto em *As Ilhas Desconhecidas* como em *Corsário das Ilhas*. Porém, na obra de Nemésio, “sem a visão de pintor” (MACHADO PIRES, 1987, p. 24) ou a escrita pictórica que se assemelha às técnicas da pintura impressionista em Brandão⁵. Partindo do mesmo contexto e do mesmo cenário espacial para a construção da efabulação literária, os narradores, com as tonalidades de “estrangeiro” no caso de Brandão e de habitante local no caso de Nemésio, referem-se ao Pico e mencionam a mesma região de lavas, o mistério. O contexto da viagem é preservado e a única diferença perceptível refere-se à composição de uma linguagem predominantemente pictórica em Brandão, identificada inclusive ao mencionar as perspectivas do Pico, por meio da espacialidade. Aspecto menos notável em Nemésio, apesar de ser perceptível o trabalho artístico do texto.

Apesar da distância cronológica de trinta anos que separa a publicação de um e de outro livro e, obviamente, da paisagem física retratada por Brandão já ter sido modificada pela ação do tempo, as semelhanças entre as duas obras se sobrepõem à fixação da paisagem natural. Além disso, é notável a presença de *As Ilhas Desconhecidas* na composição dessa obra de Nemésio, pois, “do ponto de vista temático-formal, a semelhança logo se impõe: narrativas de viagem com itinerário idêntico, estrutura fragmentária de diário e inscrição do género na tradição da viagem literária” (REYNAUD, 2001, p. 227). A estudiosa aponta as “afinidades espirituais e estéticas” (ibidem) entre esses dois escritores por meio dessas duas obras.

⁵ Cf. NEMÉSIO, 1956, p. 108

Por vezes, a construção de um itinerário de viagem exterior que se apresenta, por vezes, por meio de uma verticalidade de Lisboa ao Corvo, do Corvo à Madeira e da Madeira a Lisboa, ora de barco pelo oceano Atlântico, pelos canais e valas, ora pelas estreitas estradas dos vilarejos insulares, reverte-se em uma interiorização significativa no universo ficcional desta obra brandoniana. Considerando que se trata de uma produção composta por hibridação entre os gêneros literários e discursivos, conforme já salientara Vitor Viçoso (1999), pode-se dizer que a subjetividade inerente da perspectiva daquele que conta ou apresenta a história ou cena da paisagem natural, em princípio observada, adquire significações peculiares diante dos deslocamentos de ponto de vista dos horizontes variados. Sendo assim,

E por não ser a visão da paisagem apenas estética, mas também lírica, é que o homem investe em sua relação com o espaço, nas grandes direções significativas de sua existência. *A busca ou a escolha de paisagens privilegiadas são uma forma de procurar o eu. Toda preferência sensível remete a escolhas de existência* (COLLOT, 2011, p. 22, grifos nossos).

No entanto, é na escolha da perspectiva das paisagens privilegiadas e na apreensão simbólica dos espaços literários que *As Ilhas Desconhecidas* apresenta a interiorização da busca do “eu” dos respectivos narradores, por meio da utilização de elementos poéticos e plásticos similares.



REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. A Teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Editora Brasiliense, 2011.
- BETTENCOURT, Urbano. Sobre a Antologia de Poesia Açoriana de Pedro da Silveira. 1978 – 1981.
- Disponível em: http://lusofonia.com.sapo.pt/acoress/acorrianidade_bettencourt_1978e1981.htm. Acesso em: 26 set. 2012
- BRANDÃO, Raul. **Os Pescadores**. Lisboa: Editorial Comunicação, 1986.
- _____. **As Ilhas Desconhecidas**. Lisboa: Quetzal editores, 2011.
- BUESCU, Helena Carvalhão. **Incidências do olhar: percepção e representação**. Lisboa: Caminho, 1990.
- COLLOT, Michel. **Paysage et poésie du romantisme à nos jours**. Paris: José Corti, 2005.
- _____. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: **Literatura e Paisagem em Diálogo**. Edições Makunaíma, 2011, p. 11-28. Disponível em: www.gtestudosdepaisagem.uff.br. Acesso em: 25 ago. 2012
- GARRETT, Almeida. **Viagens na minha terra**. Lisboa: Editora Planeta DeAgostini. S.A. [19--].
- GOUVEIA, Maria Margarida de Maia. Raúl Brandão e Roberto de Mesquita (uma cartografia sentimental da insularidade). In: CAIRO, L., SANTURBANO, A., PETERLE, P. OLIVEIRA, A. M. (Orgs.). **Visões poéticas do espaço** – Ensaios. Assis: FCL/ UNESP – Publicações, 2008, p. 151-164.
- MACHADO. Álvaro Manuel. **Raul Brandão entre o Romantismo e o Modernismo**. Lisboa: Biblioteca Breve, 1984.
- MACHADO PIRES, Antonio Manuel B. **Raúl Brandão e Vitorino Nemésio**. Ensaios. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.
- MAIA, Márcia Vieira. **O imaginário das viagens marítimas em narrativas portuguesas e africanas**. 2010. 138 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) -

Faculdade de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

NEMÉSIO, Vitorino. **Corsário das ilhas**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1956.

_____. **Sob os Signos de Agora**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1995. (Obras Completas – Vol. XIII).

REYNAUD, Maria João. **Metamorfoses da escrita. Húmus, de Raul Brandão**. Porto: Campo das Letras, 2000.

_____. Raul Brandão e Vitorino Nemésio: afinidades espirituais e estéticas. In: **Revista da Faculdade de Letras “Línguas e Literaturas”**: Porto, XVIII, 2001, p. 221-230. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3032.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2010.

RUBIM, Gustavo. Estrangeiro e amigo: Raul Brandão nas Ilhas Desconhecidas. In: FERREIRA, Antônio Manuel (Coord.). **Revista Lusofilias**. Universidade de Aveiro (Portugal), Departamento de Línguas e Culturas, Porto, p. 107-117, 2008.

_____. Notas (Para a Economia de Raul Brandão). In: **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africanas da UFF**, Vol. 3, nº 4, Abril de 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/revistaabril/revista-04/001_gustavo%20rubim.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2011.

SILVEIRA, Pedro da. Prefácio. In: **As Ilhas Desconhecidas**. Lisboa: Perspectivas & Realidades, [19--], p. 07-10.

VENTURA, António. **O Exílio, Os Açores e o Cerco do Porto**. Lisboa: Edições Colibri: 2000.

VIÇOSO, Vitor. **A máscara e o sonho. Vozes, imagens e símbolos na ficção de Raul Brandão**. Lisboa: Cosmos, 1999.